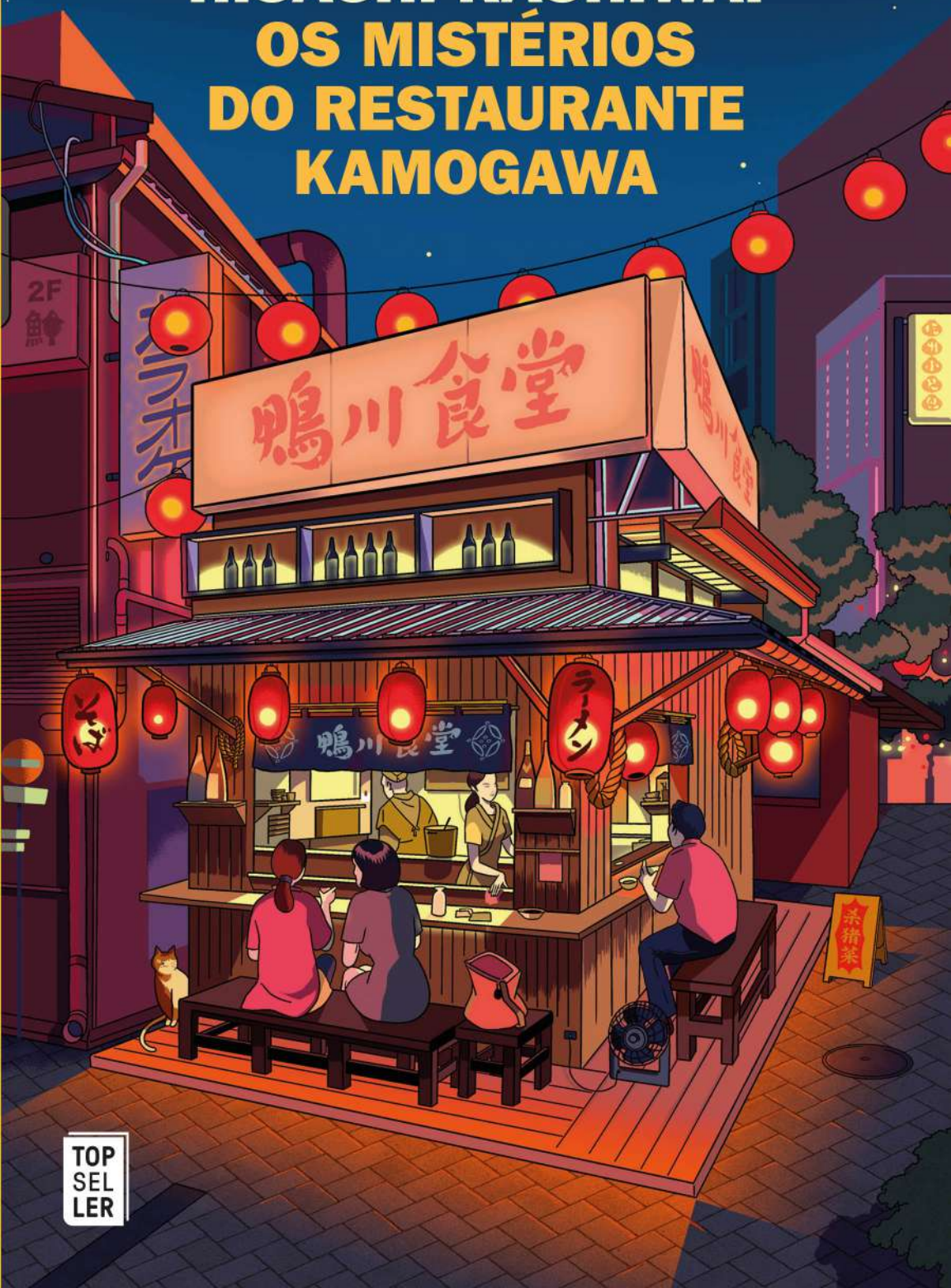


**HISASHI KASHIWA**  
**OS MISTÉRIOS**  
**DO RESTAURANTE**  
**KAMOGAWA**



**TOP  
SEL  
LER**

# 1

Deixando para trás o templo Higashi Hongan, Hideji Kuboyama levantou inconscientemente o colarinho da gabardina. As folhas secas dançavam pelo ar, impelidas pelo vento gélido.

*Cá está o famoso vento do monte Hiei*, pensou Kuboyama de cenho franzido, enquanto aguardava que caísse o verde no semáforo.

Fazendo jus à fama do seu frio penetrante, a bacia de Quioto em pleno inverno era açoitada por um vento glacial que soprava dos três lados do monte. Em Kōbe, a cidade natal de Kuboyama, soprava o chamado Vento de Rokkō, mas a qualidade deste frio era, de algum modo, diferente.

Enquanto caminhava pela rua principal, fitou, ao longe, os picos do monte Higashi levemente enfeitados de neve.

— Desculpe, por acaso há algum restaurante nesta zona? Procuo um estabelecimento chamado Kamogawa — perguntou Kuboyama, dirigindo-se a um carteiro que passava montado num motociclo vermelho.

— Se procura a residência Kamogawa, é a segunda casa depois daquela esquina.

O carteiro apontou mecanicamente para o lado direito da rua.

Ao atravessar a estrada, Kuboyama parou em frente a uma loja cuja aparência fazia crer que teria falido.

No seu segundo piso, viam-se as marcas de um antigo placar e de uma montra, mas a parede apresentava agora dois quadrados de tinta branca, pintados à pressa. Ainda assim, não tinha o ar desolado de uma casa abandonada, pois possuía um certo calor humano, uma certa atmosfera que só uma loja no ativo pode ter. Embora a fachada desinspirada pudesse afastar os forasteiros, o odor que de lá emanava seduzia quem por ali passasse, e, vindas do seu interior, eram audíveis conversas vivaças e preenchidas de risos.

*Tem mesmo ar de pertencer ao Nagare*, pensou, recordando-se dos tempos passados com o seu antigo colega, Nagare Kamogawa. Agora, estavam ambos reformados. Todavia, fora Nagare, que era mais novo do que ele, o primeiro a reformar-se.

Kuboyama olhou para a loja no piso de cima e colocou a mão na porta de correr de alumínio.

— Seja bem-v... Olha! Vejam quem é ele! É o velho Kuboyama!  
— saudou Koishi, segurando uma travessa redonda.

Da primeira vez que Kuboyama viu Koishi, a filha única de Nagare, ela ainda era bebé.

— Koishi, estás cada vez mais bonita — disse Kuboyama enquanto despia o casaco.

Ouvindo a conversa, Nagare Kamogawa veio da cozinha, cumprimentando-o num avental branco.

— Hide, bons olhos te vejam!

— Eu bem suspeitava que estivesses aqui — gracejou Kuboyama, dirigindo um sorriso aberto a Nagare.

— Deste bem com isto. Mas senta-te. Perdoa-me, o restaurante está muito sujo...

Nagare sacou de um pano e limpou a cobertura vermelha de uma cadeira dobrável.

— Continuo com uma boa intuição — Kuboyama soprou para os dedos gelados, a tentar aquecê-los. Depois sentou-se.

— Há já quantos anos? — perguntou Nagare, retirando o seu chapéu branco.

— Acho que a última vez foi no funeral da tua mulher.

— Obrigado por tudo o que fizeste.

Após uma vénia de Nagare, Kuboyama prosseguiu:

— Não me arranjam qualquer coisinha para comer? Estou esganado de fome — disse, olhando sorrateiramente para um jovem cliente que tragava uma tigela de arroz.

— Na primeira visita, pedimos aos clientes que nos deixem escolher os pratos — explicou Nagare.

— Por mim, tudo bem — respondeu Kuboyama, fitando Nagare.

— Vou prepará-lo já, aguarda um pouco.

Nagare voltou a pôr o chapéu e virou costas.

— Mas olha que eu não como cavala! — advertiu Kuboyama, bebericando o seu chá.

— Eu sei. Já nos conhecemos há muito tempo — respondeu Nagare, virando-se para trás.

Kuboyama examinou o interior do restaurante. Dos cinco lugares ao balcão, que servia de divisória para a cozinha, só um estava ocupado. Todas as mesas para grupos de quatro estavam vagas. Não havia qualquer menu nas paredes ou nas mesas. O relógio de pé indicava que eram 13h10.

Um cliente pôs uma tigela de arroz vazia sobre o balcão.

— Koishi, traz-me um chazinho.

— Hiro, tens de comer com mais calma! Faz-te mal à digestão.

Koishi aproximou um tabuleiro com chávenas de chá.

— Quer-me parecer que ainda não és casada — comentou Kuboyama, alternando o olhar entre Koishi e o homem chamado Hiro.

— Se calhar, tem expetativas demasiado altas — respondeu Nagare, surgindo com um tabuleiro cheio de comida.

— Ena, que banquetel! — exclamou Kuboyama, de olhos arregalados.

— Não é banquete nenhum. Hoje em dia, chamam-lhe *obanzai* à moda de Quioto. Antigamente, nem era o tipo de comida que se vendia em restaurantes. Tenho a certeza de que vais adorar, Hide.

Nagare tirou as tigelas e os pratos do tabuleiro, e dispô-los na mesa um após o outro.

— Magnífico! Já vi que também não perdeste a tua intuição, Nagare — disse Kuboyama, seguindo os pratos com o olhar.

Nagare continuou:

— Aqui tens: um cozido de algas *arame* e *tofu* frito; croquetes de *okara*<sup>1</sup>; salada de *tofu*, sésamo branco e *miso* com crisântemo; um guisado de pimenta preta e sardinha; um bolinho frito de *tofu* e vegetais; barriga de porco cozinhada em chá

---

<sup>1</sup> Polpa residual que resulta da confeção de extrato de soja ou de outros vegetais [N. T.]

e pasta de ameixa em película de soja crua. Além disso, temos os *pickles* em pasta de farelo e água salgada que a Koishi fez. Nada de muito complicado. Se tivesse de escolher, diria que o arroz *gōshū* duro e a sopa *miso* com *taro* são os melhores pratos da ementa. Come sem pressas. Se puseres muita pimenta na sopa *miso*, vais sentir o corpo a aquecer.

Com os olhos a cintilar, Kuboyama ouviu cada palavra de Nagare com atenção.

— Coma enquanto está quente.

Impelido por Koishi, Kuboyama pôs a pimenta na sopa *miso* e pegou na tigela.

Depois de sorver um gole, trincou um naco de *taro*. Depois de duas, três dentadas, Kuboyama concedeu:

— Está uma delícia.

Segurando na fina tigela de arroz com a mão esquerda, Kuboyama começou por hesitar com os pauzinhos, mas depressa os levou a uma outra tigela pequena. Pôs a barriga de porco enopada em cima do arroz branco e levou-a à boca. Ao trincá-la, exibiu um sorriso no canto da boca.

Mastigou a cobertura de *okara*, saboreando-a. Ao pôr o bolinho frito na língua, um caldo ligeiramente aromatizado fluíu e transbordou-lhe dos lábios. Com a mão que segurava os pauzinhos, Kuboyama limpou o queixo.

Koishi pegou imediatamente no tabuleiro redondo.

— Mais arroz? — perguntou.

— Há muito tempo que não comia nada com esta qualidade — disse Kuboyama, pondo a tigela no tabuleiro.

— Coma tudo o que quiser, está bem?

Com o tabuleiro nas mãos, Koishi correu à cozinha.



— Que tal? Está tudo bom? — perguntou Nagare, que se pôs ao lado de Kuboyama, no lugar de Koishi.

— Está excelente. Nem parecem pratos feitos pelo homem ao lado de quem andei a rastejar na lama!

— Não comeces com essas conversas — Nagare baixou os olhos. — Agora, sou apenas um velho dono de um restaurante. E tu, Kuboyama, o que andas a fazer?

Koishi voltou a aparecer com uma tigela cheia de arroz.

— Deixei aquilo há dois anos. Agora sou diretor de uma empresa de segurança em Osaka — respondeu Kuboyama, arregalando os olhos ante o cintilante arroz branco e voltando a dar uso aos pauzinhos.

— Ou seja, trocaste o serviço público por um trabalho bem pago, não é isso? Mas, deixa-me que te diga, não mudaste nada. Continuas com o mesmo olhar sagaz — disse Nagare com um sorriso, fitando Kuboyama.

— Estou a começar a sentir o amargor do crisântemo. É um sabor mesmo típico de Quioto.

Kuboyama colocou a salada de *tofu* com crisântemo em cima do arroz e trincou um *pickle* de pepino.

— Se quiseres, podemos pôr o arroz em chá e juntar o guisado de sardinha. Koishi, traz aí o chá torrado quente.

Como se aguardasse pelas palavras de Nagare, Koishi trouxe um tabuleiro de estilo *banko-yaki*.

— Em Quioto, este guisado chama-se *kurama-ni*? De onde eu venho, quando juntamos pimenta ao guisado, chamamos-lhe *arima-ni*.

— Deve ser uma questão de orgulho local. Kurama e Arima são ambas regiões famosas pela produção de pimenta.

— Não sabia — disse Koishi.

Terminando sem cerimónias o seu arroz com chá, Kuboyama levou um palito aos dentes e lançou um suspiro de agrado.

Do lado direito do balcão, pendia uma faixa de pano azul que servia de entrada para a cozinha. Aproveitando as movimentações de Nagare, Kuboyama espreitou lá para dentro. Num dos cantos da cozinha, estava montada uma sala com *tatami* e um sumptuoso altar budista encostado à parede.

— Posso ir prestar tributo?

Koishi guiou Kuboyama até ao altar budista.

— Estás com um ar mais jovem, velhote — disse Koishi, colocando as mãos nos ombros de Kuboyama e examinando o seu rosto.

— Não me provoques. Já tenho mais de 60 anos.

Kuboyama pegou num pau de incenso e afastou a almofada de sentar.

— Muito obrigado por fazeres isto — disse Nagare, olhando de relance o retrato que estava pendurado sobre o altar e baixando a cabeça.

— Então, ela olha sempre por ti enquanto trabalhas? — Ainda ajoelhado, Kuboyama relaxou a postura e olhou para Nagare, que estava de pé na cozinha.

— Bem, digamos que está de olho em mim — respondeu Nagare, sorrindo.

— Mas nunca pensei que acabasses por ser dono de um restaurante.

— Por acaso, queria perguntar-te: como é que deste com o meu restaurante? — perguntou Nagare, apoiando as costas à parede.



— O diretor da minha empresa é um autêntico *gourmet* e costuma ler a revista de gastronomia *Ryōri Shunjū*. Até guarda os números antigos na sala da administração. Foi lá que vi um anúncio do restaurante. Mal o vi, suspeitei imediatamente que seria teu.

— Não esperava outra coisa de Kuboyama, *a Víbora*. Nem acredito que percebeste que o restaurante era meu e conseguiste aqui chegar lendo apenas esse anúncio: só tinha uma linha de texto e nem sequer continha os nossos contactos — comentou Nagare, abanando a cabeça, impressionado.

— Como foste tu que puseste o anúncio, gostava de te dar uma sugestão, Nagare. O anúncio devia ser mais fácil de entender! Aposto que fui a única pessoa que conseguiu cá chegar depois de o ler.

— Não faz mal. Se começar a vir demasiada gente, ainda me arranjam problemas.

— Continuas esquisito como sempre!

— Não me digas que vieste em busca de um prato relacionado com alguma coisa do teu passado? — perguntou Koishi, de pé ao lado de Nagare, fitando o rosto de Kuboyama.

Nos lábios de Kuboyama esboçou-se um sorriso.

— Sim, digamos que sim.

— Ainda vives nos arredores de Teramachi? — indagou Nagare enquanto se levantava e se encaminhava para o lava-loiça.

— Continuo a viver ao lado do templo Jūnen, como sempre. Todas as manhãs, passeio à beira do rio Kamo, vou até Demachi-Yanagi e ali apanho o comboio *Kyōhan*. A minha empresa fica em Kyōbashi, o que é muito conveniente. Bem, estar de joelhos

tanto tempo já é muito complicado. As minhas pernas não aguentam.

De rosto franzido, Kuboyama levantou-se e regressou ao seu assento junto da mesa.

— Comigo é o mesmo. Os monges do templo costumam vir cá no aniversário da morte de Kikuko, mas é sempre difícil para mim.

— És mesmo um grande homem. Eu cá já não recebo monges para rezar pela alma da minha mulher há muito tempo. Aposto que ela está furiosa — disse Kuboyama enquanto retirava um maço de cigarros do bolso. Olhou para Koishi, tentando perceber se haveria problema.

— Aqui dentro pode-se fumar, não tem mal nenhum — disse Koishi, e pôs um cinzeiro de alumínio em cima da mesa.

Kuboyama prendeu um cigarro entre os dedos e acenou-o em direção a Hiroshi.

— Importa-se que fume um cigarrinho?

— Faça favor — replicou Hiro com um sorriso no rosto, revelando ele também um maço de cigarros que acabara de tirar da mala.

Nagare encostou-se ao balcão e atirou:

— Fuma enquanto és novo. Quando chegares à minha idade, o melhor que podes fazer é parar.

— Estou sempre a ouvir isso — respondeu Kuboyama, expelindo lentamente o fumo do cigarro.

— Ai sim? Voltaste a casar, foi?

— Na verdade, foi por isso que cá vim — disse Kuboyama. Sentindo-se pressionado pelas perguntas de Nagare, semicerrou os olhos e apagou a beata no cinzeiro.

— Obrigado pela refeição, o *katsudon* estava uma delícia — interrompeu Hiroshi, colocando uma moeda de 500 ienes em cima do balcão e saindo do restaurante de cigarro preso nos lábios.

Kuboyama seguiu-o com o olhar e depois fitou Koishi.

— É o teu namorado?

— Nada disso! — exclamou Koishi, corada, enquanto dava uma palmada nas costas de Kuboyama. — É só um cliente habitual. É o chefe do restaurante de *sushi* da zona.

— Retomando a conversa, Hide, a responsável pelo nosso departamento de detetives é a Koishi. Se quiseres, podes falar com ela e explicar a situação. O escritório fica ali no fundo.

— Não me digas! Fantástico. Conto contigo, Koishi — Kuboyama fez menção de se levantar.

— Espera só um bocadinho, velhote. Faço já os preparativos — disse Koishi, enquanto tirava o avental e se apressava rumo ao fundo da cozinha.

Kuboyama voltou a sentar-se.

— E tu, Nagare, continuas viúvo e sem casar este tempo todo?

Nagare sorveu o seu chá.

— «Este tempo todo»? Só se passaram cinco anos. Se arranjar uma segunda mulher, a Kikuko ainda me aparece em espírito.

— Tens razão, ainda é cedo para isso. No meu caso, faz este ano quinze anos. Acho que a Chieko já deve estar pronta para me perdoar.

— Já quinze anos? O tempo passa a correr. Parece que foi ontem que a Chieko veio a nossa casa cozinhar.

— Não tinha muito jeito para outras coisas, mas na cozinha era a melhor do mundo — suspirou Kuboyama. Houve um momento de silêncio.

— Vamos indo? — perguntou Nagare, preparando-se para se levantar. Kuboyama seguiu-o.

No extremo do balcão, do lado oposto à cozinha, havia uma pequena porta. Ao abri-la, Nagare revelou um corredor estreito que, ao que parecia, levava ao escritório dos detetives.

Kuboyama seguiu os passos de Nagare, apreciando as fotografias coladas nos dois lados do corredor.

— Isto são tudo pratos teus, Nagare?

Nagare olhou para trás.

— Há aí alguns que não.

Kuboyama parou.

— Isto aqui...

— Estávamos a secar malaguetas ao sol nas traseiras. Tentei fazer exatamente como a Kikuko fazia. É inútil.

— A Chieko também costumava fazer umas coisas parecidas. Sempre me pareceu que eram coisas que davam demasiado trabalho, mas... — comentou Kuboyama, recomeçando a andar.

— Koishi, eis o teu cliente — anunciou Nagare ao abrir a porta.

— Não quero incomodar-te, mas podes preencher isto?

Koishi e Kuboyama estavam sentados de frente um para o outro, separados por uma mesa baixa.

— Nome, idade, data de nascimento, morada atual, profissão... Parece que estou a fazer um seguro — gracejou Kuboyama, pegando na pasta.

— Como nos conhecemos, escusas de te preocupar com esse pormenores, velhote.

Kuboyama devolveu a pasta.

— Não pode ser. Sou um antigo burocrata.

— Honesto como sempre — disse Koishi, examinando o documento manuscrito em caligrafia padrão<sup>2</sup> e juntando os joelhos. — Que tipo de prato queres que procuremos?

— Um *nabeyaki udon*<sup>3</sup>.

Koishi abriu o seu caderno de anotações.

— Como era?

— Era o *nabeyaki udon* que a minha mulher me costumava fazer.

— A tua mulher morreu há já algum tempo, não é?

— Quinze anos.

— E ainda te lembras do sabor desse prato?

Kuboyama anuiu, mas depois inclinou ligeiramente a cabeça, como que a corrigir o pensamento.

— Tenho uma ideia geral do sabor e dos ingredientes que ela usava, mas...

— Quando o tentas recriar, nunca sai igual. É isso?

---

<sup>2</sup> Na escrita de caracteres chineses, há vários estilos de caligrafia. Nesta frase, é feita referência ao estilo *kaisho*, 楷書, que é considerado padrão e desejável no preenchimento de documentos, tal como o uso de maiúsculas em certos formulários no Ocidente. [N. T.]

<sup>3</sup> *Nabeyaki udon* (鍋焼きうどん) é um caldo feito numa única panela, com variados temperos e massa *udon*. [N. T.]

— Não esperava outra coisa da filha do Nagare! Excelente poder de dedução!

— Velhote, não me digas que pediste à tua segunda mulher que te fizesse esse prato...

— É mau se o tiver feito?

— Claro que é! Pedires à tua mulher que recrie uma receita nostálgica da tua primeira mulher? Vá lá...

— És igual ao Nagare até na forma como tiras conclusões precipitadas! Posso ser bruto de vez em quando, mas nunca faria algo do género. Pedi-lhe apenas que me fizesse um *nabeyaki udon* saboroso. Além disso, ainda não voltei a casar. Simplesmente, tenho uma subordinada no trabalho com quem me dou muito bem. Ela também se divorciou e está solteira. De vez em quando, passa lá por casa e faz-me o jantar.

— É por isso que estás com um ar tão rejuvenescido! Estás apaixonado — provocou Koishi, fitando-o.

— Procurar o amor com esta idade já não tem muito de romântico. Trata-se mais de encontrar companhia para tomar o nosso chá. — Com um riso algo acanhado, Kuboyama prosseguiu: — O nome dela é Nami Sugiyama, mas toda a gente a trata por Nami. Tem quase menos dez anos do que eu, mas está na empresa há muito mais tempo. É a única responsável pela gestão dos processos e tem toda a confiança do patrão. Quem diria que iria estar em sintonia com alguém tão maravilhoso como ela! Vamos juntos ao cinema, aos templos... divertimo-nos muito um com o outro.

Koishi sorriu.

— Estás a passar pela tua segunda juventude!

— A Nami vive sozinha em Yamashina<sup>4</sup>, mas a família é de Takasaki, no município de Gunma. Há coisa de dois meses, a mãe faleceu e o pai ficou sozinho. Com isto, disse-me que iria voltar a Takasaki para cuidar dele.

— E vai voltar sozinha?

As faces de Kuboyama coraram.

— Disse-me que fosse com ela.

— Muitos parabéns! Uma mulher pediu-te em casamento!  
— disse Koishi com alegria, batendo palmas levemente.

— O meu filho até aprova a ideia, e eu estou a planear aceitar... — O rosto de Kuboyama tornou-se mais carregado.

— O problema é a comida. É que a Nami é da região de Kantō<sup>5</sup>...

— Então, é aqui que entra o *nabeyaki udon*?

— Bem, não quero parecer mal-agradecido, a Nami tem muito jeito para a cozinha. Além de pratos japoneses, como a sopa de porco e batata ou o arroz temperado, é uma mestre a confeccionar caril e hambúrgueres. Até sabe fazer guiozas e pães no vapor com carne. Quase nunca tenho razões de queixa. Faz petiscos melhores do que muitos restaurantes. No entanto, por qualquer motivo, não estou convencido com o *nabeyaki udon* dela. Sei que o faz com todo o empenho, mas não se compara àquele que eu costumava comer. E *nabeyaki udon* é o meu prato favorito. Por isso...

— Já percebi. O meu pai trata do assunto. Confia em nós  
— disse Koishi, dando palmadinhas no peito.

---

<sup>4</sup> Bairro de Quioto. [N. T.]

<sup>5</sup> No Japão, uma das maiores rivalidades culturais é entre as regiões de Kanto (Tóquio e arredores) e Kansai (Osaka, Quioto e arredores). [N. T.]



— Bem, «confia em nós», mas parece-me que quem vai ter o trabalho todo é o teu pai — brincou Kuboyama.

— Vá, preciso de mais detalhes. Como era o caldo? Que tipo de ingredientes continha? — continuou Koishi, pegando na caneta.

— O caldo era igual ao que se serve em qualquer restaurante de *udon* de Quioto. E os ingredientes também, eram todos normalíssimos: galinha, cebolinho, bolinhos de marisco, farelo, cogumelos *shiitake*, tempura de camarão e ovo. Mais coisa, menos coisa.

— E como era o *udon*?

— Para começar, não era firme como o *udon* de estilo *sanuki* que se come hoje em dia. Era mais suave, quase pastoso.

Koishi franziu o cenho.

— É, portanto, um típico *udon* mole de Quioto. Já começo a ter uma ideia. Mas, espera, disseste à Nami como era a receita de *nabeyaki udon* que querias e, mesmo assim, não saiu igual? Isto pode vir a ser um enigma complicado...

— Talvez o sabor do prato seja diferente porque os ingredientes de hoje não são os mesmos. Não sei.

— A tua falecida mulher nunca te disse nada sobre isso? Em que loja comprava a massa ou os outros ingredientes?

— A questão é que eu nunca me interessei muito por cozinha... Bem, ela costumava falar de um tal Masu, de um Suzu, de um Fuji não sei das quantas...

De caneta na mão, Koishi fitou o rosto de Kuboyama.

— «Masu», «Suzu», «Fuji». Mais alguma coisa?

— Antes de ir às compras, costumava rezar ao Buda. É só disso que me lembro...

— Não te recordas de mais nada? Por exemplo, sobre o sabor do prato.

— Recordo-me que, no fim, deixava um travo amargo.

— Um travo amargo? Estás a falar do próprio *nabeyaki udon*?

— Não sei explicar, mas, sempre que terminava a refeição, o gosto que me ficava na boca parecia amargo... mas, se calhar, estou a fazer confusão com outro prato que ela fazia.

Koishi folheou as páginas do caderno.

— Bem, tanto quanto sei, não é suposto um *nabeyaki udon* saber a amargo.

— Acho que, se comer esse *nabeyaki udon* uma última vez, irei sentir-me pronto para ir para Takasaki. Uma vez aí, adotarei os costumes locais e vou acabar por me habituar à comida da Nami.

— Muito bem. Vamos ver o que conseguimos fazer. Não percas a esperança! — disse Koishi, fechando o caderno com entusiasmo.

Quando Kuboyama e Koishi apareceram, Nagare desligou a televisão com o controlo remoto.

— Então, como correu ?

— Bem, gostava de dizer que íamos despachar isto num instante, mas... — respondeu Koishi com uma voz insegura.

— Acho que vos trouxe um caso especialmente complicado... Mas vê lá se não desistes dele, está bem? — disse Kuboyama, dando uma palmada no ombro de Nagare.

— Olha que a segunda vida dele está em jogo — adicionou Koishi, dando outra palmada no ombro de Nagare.

— Vou fazer por isso — respondeu Nagare, franzindo o sobrolho e encolhendo-se.

Kuboyama pôs o casaco e puxou da carteira.

— Fazes-me a conta?

— Qual conta, qual quê? Deixaste uma oferenda muito generosa no altar e não temos como ta retribuir. Deixa-nos, pelo menos, oferecer a refeição.

— Ah, com que então reparaste... Eu ainda tentei escondê-la debaixo do suporte do incenso.

— Não deixo escapar comportamentos suspeitos.

Os dois entreolharam-se, rindo.

— Velhote, a próxima sessão pode ser daqui a duas semanas? — perguntou Koishi a Kuboyama.

— Daqui a duas semanas estou de folga. É perfeito — Kuboyama lambeu a ponta do lápis e pôs uma nota na agenda.

— Fazes-me lembrar os tempos em que andávamos nos interrogatórios — comentou Nagare com um sorriso.

— Os hábitos antigos nunca se perdem — respondeu Kuboyama, guardando a agenda no bolso do interior do casaco.

Estava prestes a sair do restaurante quando um gato malhado fugiu de ao pé da porta.

— O que foi, *Hirune*? Ele não faz mal.

— O gato é vosso? Ainda há bocado estava por aqui.

— Ele começou a aparecer por cá há uns cinco anos. Como está sempre a dormir, chamámo-lhe *Hirune*<sup>6</sup>. Mas tem uma vida difícil, sabe? Está sempre a ser maltratado pelo meu pai.

— Eu não o maltrato! Só não acho que seja boa ideia ter um gato para a frente e para trás num sítio onde as pessoas vêm para comer.

---

<sup>6</sup> Em português, «sesta» ou «soneca». [N. T.]

Nagare tentou assobiar, mas o gato, que dormitava do outro lado da estrada, fez de conta que não o ouviu.

— Bem, conto convosco! — despediu-se Kuboyama, começando a caminhar para ocidente.

— Outro caso difícil? — perguntou Nagare.

— Mais ou menos. O Kuboyama sabe que prato é, mas diz que não o consegue recriar — respondeu ela, abrindo a porta de correr.

— Qual é o prato?

— *Nabeyaki udon* — respondeu ela, sentando-se de frente para Nagare.

— De algum restaurante?

Koishi abriu o caderno das anotações.

— Não, da mulher.

— Sendo assim, vai ser mesmo complicado. A Chieko era excelente. Além disso, algo me diz que a nostalgia é um dos ingredientes secretos... — suspirou Nagare, folheando as páginas.

— Mas não é só um *nabeyaki udon*? Não percebo a dificuldade.

— Sendo a Chieko de Quioto, imagino as especiarias que pudesse usar. E se viviam em Teramachi...

Nagare cruzou os braços, matutando no assunto.

— Conhecias a Chieko?

— Sim. Chegou a cozinhar para mim algumas vezes.

— Bem, nesse caso, torna-se tudo mais fácil, não?

— A questão é que não me lembro de ter experimentado o *nabeyaki udon* dela — respondeu Nagare, voltando a examinar as anotações.

— A namorada dele é uns bons dez anos mais nova. Que inveja, hã?

— Não digas parvoíces. Já te disse que a tua mãe é a única mulher para mim. Já agora, essa tal Nami é da região de Jōshū, não é? — replicou Nagare, erguendo o rosto.

— Se os pais são de Takasaki, deve ser.

— De Takasaki...

— Agora fiquei com vontade de comer *nabeyaki udon*. E se comêssemos hoje ao jantar?

— Olha, boa ideia. E sabes que mais? Vai ser sempre o jantar até resolvermos isto — declarou Nagare, ainda de olhos fixos no caderno.



**Imagine o prato dos seus sonhos,  
ou da sua infância...  
Aquele com um sabor único, inesquecível,  
e que nunca mais pôde provar.  
Agora, imagine que podia saboreá-lo novamente.  
Nem que fosse uma última vez.**

Numa sossegada rua de Quioto, longe de olhares curiosos, existe um restaurante muito especial: gerido por Nagare Kamogawa e a sua filha, Koishi, o restaurante Kamogawa serve aos seus clientes deliciosas refeições que só se costumam encontrar em estabelecimentos de luxo. Esse, no entanto, não é o único motivo pelo qual é tão procurado...

Pai e filha são também «detetives de comida»: através das suas perspicazes investigações, são capazes de recriar pratos que os clientes provaram no passado, pratos esses que, tantas vezes, guardam a chave de memórias antigas.

Do viúvo que persegue uma receita específica de *udon* que a sua mulher cozinhava, ao *tonkatsu* de um primeiro amor, as receitas perdidas que a dupla Kamogawa resgata são mais do que uma ponte até ao passado: são a possibilidade de um futuro mais feliz.


**Vendido para 20 países e bestseller no Japão,  
Os Mistérios do Restaurante Kamogawa é uma celebração  
das memórias, da boa companhia e do poder  
de uma refeição deliciosa.**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 topseller.suma

 penguinlivros

ISBN 9789897871610



9 789897 871610 >